



NUNO CAMARHEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

DA LITERACIA CIENTÍFICA

A ciência é tida como algo que diz respeito apenas aos especialistas, mas não deveria ser assim. A falta de conhecimento científico torna-nos vulneráveis.

“Não sei para que tive tanta matemática no Secundário se não voltei a usar nada daquilo... Nunca na vida tive de resolver uma equação quadrática...”

Provavelmente já todos terão ouvido este desabafo ou alguma variante relativa a outros ramos da ciência (as reações ácido-base, as orbitais moleculares, o mecanismo celular, etc.). Já o contrário é bem mais raro, não me lembro de ouvir alguém queixar-se de ter aprendido a interpretar as cantigas de amigo ou a escandir os versos de Sá de Miranda, mesmo que o seu percurso profissional esteja tão distante da poesia medieval como da física atómica e molecular. A que se deverá tal disparidade na forma como valorizamos ou desconsideramos as diferentes aprendizagens?

É natural que dêmos importância aos conhecimentos de língua portuguesa que adquirimos no nosso percurso escolar, afinal é em português que falamos e escrevemos, é em português que se redigem os nossos contratos de trabalho ou de arrendamento e é até em português que pensamos e sonhamos.

Mais estranho é não darmos igual valor aos conhecimentos científicos que aprendemos na escola. É certo que nem todos temos de resolver equações diariamente (pelo menos, de que nos apercebamos), ou de calcular o desvio padrão de uma amostra ou a energia cinética de um corpo. Mas o nosso quotidiano está cheio de ciência, alguma implícita e outra nem tanto. Sempre que vemos um político apresentar números e estatísticas que justificam um grande investimento público, sabemos do que está a falar

ou somos analfabetos a tentar ler o jornal? E as curvas da pandemia? E as deduções fiscais? E devemos optar por um medicamento convencional ou gastar dinheiro em alternativas homeopáticas? O aquecimento global é verdade ou mentira? Como funcionam os carros híbridos? Sabemos o que estão a dizer ou é língua que não falamos?

Num mundo cada vez mais tecnológico e mutável, em que as manipulações de informação (escrita, visual, multimédia) são sempre mais sofisticadas, o conceito de “literacia” tem forçosamente de se alargar e de abarcar a ciência, a arte, a literatura e também a economia, a sociologia e muitas outras áreas do saber.

Todos trazemos a ciência nos bolsos, nos pulsos e até no interior dos nossos corpos, distribuída num sem-número de *gadgets* e instrumentos que nos medem a pulsação, as palavras e os desejos. Aceitamo-los muitas vezes sem sabermos como funcionam, sem pensarmos muito nisso. Alguém lá longe desenha os circuitos, alguém desenvolve os algoritmos e a nós cabe-nos comprá-los e enternecermo-nos com os vídeos de gatinhos; mas quanto estaremos a pagar além do dinheiro que custam? Que dizem as letras pequeninas que saltamos a correr só para dizer que sim?

A falta de conhecimento científico torna-nos vulneráveis e crédulos, dispostos a aceitar como verdade o que alguém afirma como certeza. Essa é uma história muitas vezes contada ao longo dos séculos e que nunca teve um final feliz.